

Dart, credor do Brasil, ameaça ir à Justiça

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Uma ameaça velada do bilionário Kenneth Dart e sua família, de apelar judicialmente contra o acordo de reestruturação da dívida externa do Brasil, consumado no último dia 15 entre o Governo e banqueiros internacionais, parece não assustar nenhuma das duas partes. Dart, que detém títulos de US\$ 1,38 bilhão da dívida brasileira — é o quarto maior cre-

dor do país — não assinou o contrato, por discordar de várias decisões contidas no documento.

O presidente do Banco Central e negociador da dívida, Pedro Malan, disse ontem que o Governo continua à espera de um diálogo direto com os Dart:

— Nós já reiteramos à família Dart que estamos abertos para conversas. Mas até o momento não fomos procurados por eles — assegurou.

O vice-presidente do Citibank,

William Rhodes, que liderou o comitê assessor de bancos credores do Brasil, disse ao GLOBO que o seu grupo anda despreocupado a esse respeito:

— Eu não sei o que vai acontecer daqui por diante. Mas, seja o que for, não mudará um centímetro do acordo que já selamos — garantiu ele.

Malan contou que soube que Kenneth Dart havia sugerido para esta semana uma reunião entre seus advogados e um grupo de 15 pequenos credores do Bra-

sil, que não entraram no pacote. Juntos, eles têm a reclamar um total de quase US\$ 1,4 bilhão (US\$ 1,38 bilhão dos Dart e US\$ 15 milhões dos demais).

— Até o momento, essa reunião não aconteceu. E nós não fomos convidados e nem temos o poder de interferir em qualquer conversa entre nossos credores. Nossa posição continua a mesma: estamos abertos para um diálogo, quando quiserem, onde quiserem — disse o presidente do Banco Central.

Bird propõe emprestar mais ao Brasil

WASHINGTON — O presidente do Banco Central, Pedro Malan, passou cinco dias na assembléia conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, tendo recebido deste a proposta de um aumento da carteira de empréstimos ao Brasil. “Isso interessa à vocês?”, foi perguntado ao presidente do BC, segundo disse ao GLOBO uma fonte do Bird. Malan disse que a resposta seria dada depois de o

Governo avaliar a capacidade de endividamento dos estados, os potenciais beneficiários.

A proposta dos banqueiros internacionais, de que o FMI, em lugar de policiar a economia dos países em desenvolvimento, deveria capitalizar recursos para eles, foi criticada por Malan:

— O FMI tem outros papéis a cumprir. O Fundo, em nossa opinião, é um foro insubstituível de vigilância multilateral. (J.M.P.)